

SIMON BOLÍVAR E SUA INFLUÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

Sergio Fedato BATALHA¹

Orientador: Cláudio José Palma SANCHEZ²

Resumo: O presente artigo tem como finalidade analisar a importância histórica de Simon Bolívar para a concepção emancipatória de países da América Latina. Tal artigo tem como objetivo resgatar a história dos latinos americanos, que tem em Simon Bolívar um general libertador do jugo colonialista imposto principalmente pelos espanhóis. Conhecer a história é entender o presente. Atualmente Hugo Chavez, político populista na Venezuela utiliza da imagem histórica de Simon Bolívar para tentar legitimar seu anseio ditatorial e principalmente afastar a ingerência política e econômica mantida pelos Estados Unidos da América, acompanhado pelos integrantes do G8.

Palavras Chaves: América Latina. História. Simon Bolívar.

INTRODUÇÃO

Não podemos discorrer sobre o povo latino-americano sem antes ressaltarmos um grande personagem desta história. Principalmente quando nos referimos a América Latina e suas transformações decorrentes ao longo do processo.

¹ Discente do 1º C do Curso de Direito das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Aluno do Grupo de Estudo História do Pensamento Jurídico, coordenado pelo Prof. Cláudio José Palma Sanchez.

² Professor Mestre das Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. Orientador do grupo de estudo “História do Pensamento Jurídico”.

Um personagem tão significativo para esse processo foi Simon Bolívar (1783-1830), um general e estadista venezuelano, um dos maiores vultos da América Latina, chefe de revoluções que promoveram a independência da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Herói de mais de duzentas batalhas, recebeu o título de “O Libertador”, conferido pelos parlamentos dos países por ele libertados do jugo espanhol.

Foi um homem muito avançado para sua época, escreveu sobre sociologia e pedagogia, além de tratados militares, econômicos e políticos. Simon Bolívar teve ao seu lado, em vários combates, o brasileiro José Ignácio Abreu e Lima, filho do Padre Roma, fuzilado pelos portugueses durante a Revolução de 1817, em Salvador.

DESENVOLVIMENTO

Simon Bolívar nunca tivera uma vida muito fácil, fatos esses que podem ter criado essa mente tão desenvolvida e conturbada. De família aristocrata e descendente de espanhóis teve que conviver com muitas perdas ao longo de sua vida, desde os nove anos quando se tornou órfão, até a perda de sua esposa aos dezoito anos, seis meses após o casamento deles.

Simon viajou por vários lugares e fora despertando pouco a pouco seu ideal libertário, principalmente quando começou a observar as ofensivas de Napoleão Bonaparte e suas conquistas. Influenciado por esses ideais, o jovem Bolívar, intentava libertar a América do Sul do jugo dos colonizadores.

Bolívar iniciou suas atividades quando se tornou oficial do exército revolucionário contra o domínio dos espanhóis. Porém em 1812, as tropas espanholas reconquistaram a Venezuela e Simon fugiu do país. Parecia um começo complicado, pois ele conseguia apenas pequenas vitórias, seguidas de derrotas esmagadoras. Em 1819 Bolívar venceu a batalha de Boyaca na Colômbia, ajudando a Colômbia a proclamar sua república. Foi a primeira das tantas conquistas que estavam por vir.

A partir daí Simon continuou seus feitos. Em 1821, Bolívar finalmente libertou a Venezuela na Batalha de Carobo e um de seus mais talentosos oficiais, Antonio José de Sucre, libertou o Equador na Batalha de Pichincha, em maio de 1822.

Enquanto isto, o patriota argentino José de San Martín libertava a Argentina e o Chile e iniciava a libertação do Peru. Simon Bolívar e José de San Martín se reuniram na cidade de Guayaquil, no Equador, no verão de 1822, mas não chegaram a um acordo sobre unir suas forças para combater os espanhóis. San Martín não queria se envolver numa luta por poder com Bolívar, pois isso beneficiaria a Espanha. Portanto, ele renunciou à sua posição como Protetor do Peru, deixando o poder para Bolívar e emigrou da América do Sul. Bolívar chegou ao Peru em 1823 e venceu na Batalha de Junin (agosto de 1824). Mas foi Sucre que assegurou uma vitória total, ao esmagar as tropas espanholas em Ayacucho,

em dezembro de 1824. A guerra pela independência estava vencida.

Simon Bolívar tornou-se presidente da Colômbia, ditador do Peru e presidente da recém-formada Bolívia, região que havia sido chamada de Alto Peru nos tempos coloniais. O novo país foi nomeado em sua homenagem.

Bastante impressionado com os Estados Unidos da América, onde diversos estados haviam se unido para formar um único país, Bolívar planejou realizar uma federação das nações da América do Sul. De fato, Venezuela, Colômbia e Equador já constituíam a República da Grande Colômbia, sob a presidência de Bolívar. Mas diferentemente dos Estados Unidos, as tendências de independência nacional no continente não podiam ser ignoradas. Quando Bolívar convocou o Congresso das Nações da América Hispânica, em 1826, apenas quatro países compareceram.

No entanto, ao invés de mais países se unirem à Grande Colômbia, o oposto ocorreu: a república começou a se repartir. Para agravar a situação, uma guerra civil irrompeu na Colômbia. Bolívar tentou evitar uma separação definitiva das regiões em conflito. Ele conseguiu que ocorresse uma reconciliação temporária e convocou uma nova assembléia constituinte em 1828, mas não concordou com as deliberações do corpo legislativo e assumiu poderes ditatoriais temporariamente. A oposição a Bolívar começou a crescer rapidamente e em 25 de setembro de 1828, ele escapou por pouco de uma tentativa de assassinato. Cansado dos intermináveis conflitos pelo poder, renunciou à Presidência da República e decidiu se auto-exilar. A viagem, no entanto, é interrompida, pois em Santa Marta, na Colômbia, Simón Bolívar morre de tuberculose no dia 17 de dezembro, aos 47 anos de idade.

Citando Bolívar, o presidente venezuelano Hugo Chávez compara a queda do Império Espanhol com a atual falência do poderio político dos Estados Unidos. Em setembro deste ano, num discurso realizado na Jamaica durante uma visita diplomática, o presidente venezuelano retomou a carta escrita por Bolívar naquele país há quase 200 anos para lembrar que a queda do Império Espanhol - prevista no antigo documento - se assemelha à falência da liderança política e econômica dos Estados Unidos no mundo. Ele usa a figura de Bolívar para legitimar seu programa de governo.

Durante a Quarta Cúpula das Américas, encontro realizado em novembro deste ano, na Argentina. Ao invés de fortalecer a união do bloco já existente - o Mercosul -, Chávez recorreu novamente a Simón Bolívar e criou a Alba, a Alternativa Bolivariana para a América Latina e o Caribe, um agrupamento econômico de cooperação regional que visa ajudar a compensar as carências de cada país e, dessa forma, frear o ímpeto americano de ver o acordo que efetiva a Alça.

CONCLUSÃO

Bolívar não foi um estrategista militar, porém possuía algo extremamente valioso: sua firme determinação a despeito de qualquer obstáculo. Mesmo após sofrer tantas derrotas contra os espanhóis, ele re-agrupou suas tropas e continuou a lutar. Outros provavelmente teriam desistido.

Em algumas maneiras, Simon Bolívar foi ainda mais notável que o pai da independência norte-americana, George Washington. Diferente de Washington, Bolívar libertou qualquer escravo que encontrava durante suas batalhas e tentou abolir a escravidão em todo território que ele libertou. Não obstante, mesmo após sua morte, a escravidão continuou existindo nas ex-colônias espanholas na América Latina.

Simon Bolívar era um romântico e um idealista, com grandes ambições políticas. Mas ele não dava muita importância ao dinheiro; entrou na política como um homem rico e faleceu muito pobre. Ainda hoje, Bolívar continua sendo um dos maiores heróis na história da América do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, Márquez Gabriel. **O General em seu Labirinto**. Editora Record.